

Algumas questões econômicas, a meu ver, fundamentais para a compreensão de alguns processos históricos contemporâneos.

1) Deterioração do intercâmbio entre os países industrializados e os subdesenvolvidos.

Sabemos que há uma deterioração historicamente constante dos preços dos produtos primários quando comparados aos preços dos produtos industriais. Daí resulta um intercâmbio desigual, assim concebido porque uma vez mantidas iguais as condições em que se dão as trocas internacionais, a acumulação de capital é maior nos países industrializados. A lógica do mercado mundial, ao invés de diminuir a distância entre os países ricos e pobres, tende, pelo contrário, a acentuá-la.

Por que os preços dos produtos industrializados, em igual período, sobem mais do que os preços dos produtos primários?

Como atua a lei do valor neste processo?

2) A “perda” de um equivalente universal na economia mundial.

Os trechos a seguir são um pouco extensos. Assim o fiz para demonstrar o contexto em que se insere o meu interesse pelo assunto. Nada mais do que isso. As partes sublinhadas indicam as questões sobre as quais sou ignorante.

“O que nos deixou esse capitalismo global ou essa globalização capitalista neoliberal? Não apenas a partir deste que conhecemos, mas desde a própria raiz, daquele capitalismo do qual nasceu este que atualmente impera, progressista ontem, reacionário e insustentável hoje, através de um processo que muitos de vocês, historiadores, e ainda aqueles que o não sejam, como os estudantes de economia, devem saber disto; com uma história de 250 a 300 anos, cujo teórico fundamental publica seu livro em 1776, no mesmo ano da Declaração de Independência dos Estados Unidos, Adam Smith, tão conhecido por todos. Um grande talento, uma grande inteligência, sem dúvida. Não acho que seja um grande pecador, um culpado, um bandido; era um estudioso daquele sistema econômico que tinha nascido na Europa e estava em pleno auge, que refletiu, investigou e expôs os alicerces teóricos do capitalismo; o capitalismo daquela época, porque o de agora nem sequer o próprio Adam Smith o podia imaginar.

Naquela época de diminutas oficinas e pequenas fábricas, ele sustentava que a motivação fundamental na atividade econômica era o interesse individual e que a sua busca privada e competitiva constituía a fonte máxima do bem público. Não era preciso fazer um apelo ao humanitarismo do homem, mas ao seu amor por si próprio.

A propriedade e a direção pessoal era a única forma compatível com aquele mundo de pequenas indústrias que Adam Smith conheceu. Nem sequer conseguiu ver as grandes fábricas e as impressionantes massas de trabalhadores que surgiram depois nos fins do próprio século XVIII. Muito menos imaginar as gigantescas corporações e empresas transnacionais modernas, com milhões de ações, onde aqueles que administram são executivos profissionais que nada têm a ver com a propriedade das mesmas, limitando-se de vez em vez a prestar contas aos acionistas. Eles são os que decidem que utilidades se pagam, quanto e onde se investe. Estas formas de propriedade, direção e desfrute das riquezas nada têm a ver com o mundo que ele conheceu.

Mas o sistema continuou a se desenvolver, e tomou um considerável impulso com a Revolução Industrial inglesa. Nasceu a classe operária, e surgiu quem, ao meu

ver, foi o maior pensador – respeitando qualquer critério – no terreno econômico e também político, Carlos Marx. Ninguém, inclusive, conseguiu chegar a conhecer mais sobre as leis e os princípios do sistema capitalista do que Marx. Angustiados pela crise atual, não são poucos os membros da elite capitalista que lêem Marx, à procura de diagnósticos e remédios possíveis para seus males de hoje. Com ele surgiu a concepção socialista como antítese do capitalismo.

A luta entre estas idéias que simbolizaram ambos pensadores tem perdurado durante muito tempo, e ainda perdura. O capitalismo original continuou a se desenvolver sob os princípios do seu teórico mais ilustre, até chegar – poderíamos dizer – à Primeira Guerra Mundial.

Antes da Primeira Guerra Mundial já existia um certo nível de globalização, existia o padrão ouro no sistema monetário internacional.

Depois veio a grande crise de 1929, e a grande recessão que durou mais de 10 anos. Então surge com grande força outro pensador, dos quatro pilares do pensamento econômico, com sua enorme transcendência política nos últimos três séculos, com a marca indelével de cada um deles, John Maynard Keynes, de idéias avançadas naquela época – não como as de Marx nem muito menos, ainda que respeitasse muito Marx, coincidente com ele em alguns conceitos --, e elabora as fórmulas que tiram os Estados Unidos da grande depressão.

Não só ele, é claro. Havia um grupo de acadêmicos bastante coincidentes e influenciados por ele. Naquela época quase não havia economistas, nem lhes prestavam atenção (...) Mas aí começaram a surgir grupos bem preparados, com muita informação estatística, que faziam estudos profundos; e durante o governo de Roosevelt, num país extenuado e angustiado por uma recessão interminável, muitos deles foram membros destacados do gabinete ou de outras instituições, e as teorias de Keynes ajudaram a tirar o capitalismo da pior crise que conhecera.

Houve uma suspensão temporária do padrão ouro que depois foi restabelecido de novo por Roosevelt, se não me engano, em 1934. Sei que se manteve até 1971. Acho que durou 37 anos ininterruptos, até que chegou o senhor Nixon e o grande império nos burlou a todos (...).

Talvez se perguntem, com razão, por que é que estou falando-lhes disso. Mencionei essas personagens, ainda que me falta a quarta, porque para nós é muito importante tentar conhecer bem a história do sistema que neste instante rege o mundo; a sua anatomia, os seus princípios, a sua evolução, suas experiências, para compreender com exatidão que aquela criatura, que veio ao mundo há quase três séculos, está chegando a suas etapas finais (...). É bom sabê-lo, e quase é preciso fazer-lhe a autópsia antes que termine de falecer, para que com ele não morramos muitos, e se tardar um pouquinho mais do que deve, não morramos todos. (...)

Falei do padrão ouro, porque desempenhou um papel muito importante nos problemas que agora estamos a defrontar. Bem próximo do fim da Segunda Guerra Mundial se intentava estabelecer uma instituição que regulamentasse e impulsionasse o comércio mundial. Realmente existia uma situação econômica desastrosa, como conseqüência daquela longa, destruidora e sangrenta guerra. É a altura em que surge o famoso e conhecido acordo de Bretton Woods, elaborado por alguns países, entre eles os mais influentes e os mais ricos.

Já o mais rico de todos eram os Estados Unidos, que nesse momento acumulavam 80% do ouro existente no mundo, e estabeleceram uma moeda de câmbio fixa na base do ouro; o padrão ouro-dólar, poderia ser chamado assim, visto que combinaram o ouro com a nota norte-americana, que se transformou na moeda de reserva internacional. Isso lhe outorgou um poder imenso e um privilégio especial aos Estados Unidos que o têm usado até agora em favor dos seus próprios interesses; deu-lhe

o poder de manipular a economia mundial, estabelecer as regras, dominar no Fundo Monetário, onde é preciso 85% dos votos para adotar algum acordo, e com 17,5% eles podem bloquear qualquer decisão dessa instituição, e portanto, dominam, são praticamente donos do Fundo Monetário, dizem a última palavra, e conseguiram impor a ordem econômica mundial que estamos a padecer.

Porém, Nixon fez sua batota antes: inicialmente tinham 30 bilhões de dólares em ouro, cujo preço mantinham mediante um controle estrito do mercado a 35 dólares, a chamada onça troy. Logo começaram a fazer despesas sem impostos, guerras sem impostos, na aventura do Vietnã gastaram mais de 500 bilhões de dólares; esgotava-se-lhes o ouro, apenas contavam com 10 bilhões, e com o passo que levavam se lhes iria acabar tudo. E num discurso – acho que foi no dia 17 de agosto de 1971 – declara paladinamente que suspendia a conversão da nota norte-americana em ouro.

Eles, mediante um controle rigoroso do mercado, como já disse, mantinham um preço fixo para o ouro: o já mencionado de 35 dólares a onça. Se havia oferta excessiva de ouro, compravam; afinal, não lhes custava nada. Entregavam as notas àqueles e recolhiam o ouro, evitando com isso que o preço baixasse. Se havia uma procura de ouro excessiva, ameaçando elevar o preço, faziam o contrário, vendiam o ouro das suas quantiosas reservas para que ficasse barato. Muitos países apoiavam suas moedas com reservas em ouro ou em notas norte-americanas. Pelo menos existia um sistema monetário relativamente estável para a troca comercial.

Desde o momento em que Nixon, burlando todo o mundo, a todo aquele que tinha bilhetes desses – e o mundo tinha centenas de bilhões como reservas nos bancos centrais deles --, fala para todos e disse que já não teriam direito a receber em ouro físico o valor que tinha cada nota norte-americana. Fê-lo unilateralmente, mediante uma portaria presidencial ou não sei que fórmula jurídica; não era nem sequer uma decisão do Congresso. Suspende desse jeito o mais sagrado compromisso contraído mediante um tratado internacional.

Ficaram com o ouro. Depois subiu o preço. O ouro que lhes restava, com um valor de 10 bilhões de dólares chegou a valer muito mais que os 30 bilhões que tinham inicialmente em ouro físico. Além disso, ficaram com todos os privilégios do sistema, o valor dos seus bônus do tesouro, das suas notas que continuaram obrigatoriamente como moeda de reserva nos bancos centrais dos países, que a eles lhes custou tudo o que tiveram que exportar para recebê-los, e aos Estados Unidos foi apenas o gasto em imprimi-los. Dessa forma adquiriram um poder econômico ainda maior. Em troca, começaram a desestabilizar o mundo. Como? As outras moedas entraram numa fase de oscilação, seu valor variava todos os dias. Desata-se a especulação monetária, as operações especulativas de compra e venda de moedas, que hoje alcançam magnitudes colossais, baseadas na flutuação constante dos seus valores. Um novo fenômeno tinha surgido, e já se tornou indetável.

A especulação com as moedas, que há apenas 14 anos atingia 150 bilhões de dólares anuais, hoje alcança mais de um milhão de milhões a cada dia. Reparem, não utilizo a palavra bilhão porque há uma confusão entre o bilhão inglês e o espanhol (...). O primeiro equivale a 1000 milhões; o segundo, a um milhão de milhões. Nos Estados Unidos a essa cifra chamam-na de trilhão. Acaba de surgir o ‘millardo’, que também significa 1000 milhões, para tentar entender-se numa verdadeira Torre de Babel de cifras e números, o que origina numerosas confusões e erros de tradução e compreensão. Eu disse, e repito para que fique bem claro, que as operações especulativas com as moedas atingem já mais de um milhão de milhões de dólares cada dia.

Cresceu duas mil vezes em 14 anos, e a base disso está na medida que adotaram os Estados Unidos em 1971, que pôs a flutuar todas as moedas dentro de certos limites, ou a flutuarem livremente. Portanto, agora temos o capitalismo com este novo

fenômeno, que nem sequer num dos dias de maior pesadelo de Adam Smith lhe pôde passar pela mente (...) quando escreveu seu livro sobre a riqueza das nações.”¹ (grifos meus)

“Joelmir Beting reage:

-- Dólar é hoje moeda de intervenção e não de referência. Intervenção armada em nossos países. A subida do dólar reflete o descalabro da economia dos Estados Unidos. A referência do rublo é o ouro. O rubro tem lastro, o dólar não. Por isso a União Soviética é prejudicada pela valorização do dólar, desde que Nixon cortou, por telefone, o lastro em ouro da moeda norte-americana. De certa maneira, essa moeda que hoje compra o mundo é uma moeda falsa. É um mistério o volume de dólar que existe, atualmente, fora dos Estados Unidos.

(...)

Joelmir Beting lera as mais recentes entrevistas de Fidel sobre a questão da dívida externa do Terceiro Mundo e, em especial, da América Latina, inclusive a que fora dada ao jornal *Excelsior* do México, onde o dirigente cubano ressalta que a dívida é impagável.

-- A solução política da dívida externa – diz o jornalista especializado em questões econômicas – exige mudanças na legislação bancária dos Estados Unidos e da Europa. Mudanças no bloco credor. A participação do parlamento é fundamental. Por isso, Fidel deve enviar suas sugestões aos parlamentos. Cuba deve lançar um documento sobre a questão da dívida externa. Esta não será equacionada se não houver negociação de governo a governo e não de governo para banqueiro credor. Atualmente, o entendimento não se faz entre Brasília e Washington, mas entre Brasília e Wall Street. Assim, o governo norte-americano lava as mãos e participa apenas através do FMI, que é um fiscal dos bancos. O FMI deveria ser um fórum de governo a governo. O dólar, hoje, não é mais uma divisa de referência, é um instrumento de intervenção nas relações econômicas mundiais. O dólar é, na verdade, uma moeda falsa, porque não tem lastro na economia americana. Não tem respaldo no PIB dos Estados Unidos. É como se os Estados Unidos estivessem comprando o mundo com moeda falsa. [Seria o mesmo que dizer, por exemplo, que basta aos EUA emitir papel moeda quando quiser comprar qualquer coisa no mundo? Seria isso!? Se for, é algo meio insano, não é? E por que ninguém questiona isto?] É um fenômeno que o próprio capitalismo não registrava. A última contestação desse processo foi com o general De Gaulle e não obteve resultado.

[Fidel] – A América Latina tomou emprestado dólares em baixa cotação e, agora, deve pagar com dólares em alta cotação.

-- Isso é pirataria financeira, para dizer o mínimo – reage Joelmir. – A proposta de uma nova ordem econômica deve vincular comércio e dívida, o que não foi admitido pelos sete grandes do mundo capitalista, reunidos agora em Bonn. É preciso proteger o Terceiro Mundo do monopólio tecnológico dos países ricos.”² (grifos meus)

¹ Fidel Castro, *Discurso proferido pelo Presidente do Conselho de Estado da República de Cuba na Aula Magna da Universidade Central da Venezuela*, 03.02.1999, INVERTA, Rio de Janeiro, 1999, pp. 23-26.

² Frei Betto, *Fidel e a Religião. Conversas com Frei Betto*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1986, pp. 35, 51 e 52.